

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Artur Castanheira João

registada em 2009-02-11
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões

Artur Castanheira João

Artur Castanheira João nasceu na Mourísia, em 26 de Agosto de 1950. Os pais, António João e Ana de Jesus Castanheira, também eram da Mourísia e ambos trabalhavam na agricultura. O pai de Artur ainda trabalhou em Lisboa, enquanto a sua esposa ficou na terra. Artur teve um irmão, que já faleceu, e tem ainda uma irmã. Aos 7 anos foi para a escola, na Mourísia e, algumas vezes, no Sobral Gordo. O caminho era feito a pé “com duas sardinhas dentro de um saco e duas fatias de broa”. Devido aos anos perdidos, com 14 anos acabou a quarta classe. Foi para Lisboa trabalhar numa casa de louças e depois para a Piedade, aprender de carpinteiro com um tio, mas aborreceu-se e voltou para a Mourísia. Aos 16 anos rasgou estrada no Soito da Ruiva. Depois passou pela floresta. Conheceu a esposa nas idas à missa, na Moura. Já casado começou a trabalhar nas obras e aprendeu a arte de pedreiro.

Índice

Identificação Artur Castanheira João.....	4
Ascendência António João e Ana de Jesus Castanheira.....	4
Casa Com a mão na massa.....	5
Educação Professores para todos os gostos.....	5
Namoro "O rapaz é assim".....	7
Casamento "Foi até encher a barriga".....	8
Percurso profissional A arte de pedreiro.....	9
Migração "Não havia profissões".....	10
Costumes Gastronomia e festas.....	11
Lugar Sinais do tempo.....	15
Sonhos Um sonho realizado.....	15
Avaliação Um projecto bom.....	16

Identificação *Artur Castanheira João*



Artur Castanheira João

O meu nome é Artur Castanheira João. Nasci na Mourísia, em 26 de Agosto de 1950.

Ascendência *António João e Ana de Jesus Castanheira*

O meu pai era António João e a minha mãe Ana de Jesus Castanheira. Eram da Mourísia. Trabalhavam na agricultura. O meu pai ainda andou anos em Lisboa. Traziam para cá para a Mourísia um dinheirito para comprar terreno, para estar agora aí a criar silvas. O trabalho deles era cavar terra com uma enxada. Semeavam batata lá para os patrões, plantavam couves, semeavam favas, semeavam ervilhas. Todo o género de hortofrutícola. Criavam lá e os patrões

depois vendiam aquilo. No sítio onde o meu pai estava, até tinha lá uma vacaria. O meu pai morreu tinha eu 14 anos.

A minha mãe ficava a trabalhar na agricultura. Era a mesma coisa. Era milho, batata, feijão. Todo o género que era necessário para comer. Tinham ovelhas, cabras e porco. Matavam porco todos os anos.

Tive um irmão, mataram-no em Lisboa de desastre e tenho uma irmã. Está na casa donde eu me criei.

Casa Com a mão na massa

A casa dos meus pais não era como ela está agora. Aquilo já fui eu que a reconstruí. Na altura era em pedra à vista. Por cima era em lousa, lajes. Não estava forrada debaixo. As divisões já eram em madeira. Estão na mesma. Eu não lhes mexi. O soalho é em madeira e as divisões são em madeira rasgada. Quando já tinha as duas filhas, já tinham se calhar uns 3 anitos ou 4, reconstruí a casa. Tem portas, tem tudo. Tem uma casa de banho feita assim ao simples. Diferente da que eu tenho agora. Havia lá uma parte que eu botei-a abaixo, escangalhei-a e fi-la com o pessoal com quem eu trabalhava. Eu trabalhava na construção na altura.

A cozinha era toda defumada do fumo antigo, da lareira. Não havia lá chaminé. Por o resto já havia. Em 1963 foi feita uma chaminé. Primeiro, tinha que abrir a porta da rua para o fumo desaparecer para a rua, senão cheirávamos bem sem querer. Naquele tempo era tudo assim. Depois já levou uma chaminé, já tirava mais fumo. Depois de reconstruir foi para lá um fogão em ferro.

A minha casa era uma barraca de uns primos meus. Paguei 6 contos pelo assente. Estava tudo caído. Eu é que tive de reconstruir.

Educação Professores para todos os gostos

Fui para a escola aos 7 anos. Chegou aqui haver escola na Mourísia, por um tempo. Chegámos a ser, só esta povoação, 24 alunos. Numa casa que não era escola, era de um indivíduo, que não estava cá, estava para Lisboa. Tinha um rés-do-chão que estava solhado. Decidiu emprestá-la. Vieram cadeiras para se sentarem e ter a parte da frente para escrever. Eram a par. Chegou a dar até 25 e 26 alunos. Depois iam fazendo o primeiro, segundo, terceira, quarta classe. Faziam a quarta classe terminava. Não havia mais classe nenhuma. Naquele tempo, não é como hoje. Iam entrando outros, mas depois acabou.

As professoras vinham para cá para a Mourísia. Cá dormiam, cá ficavam, na mesma casa, por cima. Aturada aí pelo povo, para tratar bem os alunos. Uma dava-lhe isto, outro dava-lhe aquilo. E pronto, viviam. Ainda esteve a escola parece que mais de uma dúzia de anos. Depois, às vezes, falhavam. Não vinham. Tínhamos que ir a caminho de Sobral Gordo. Por aí abaixo, meia hora a pé. Às vezes, debaixo de chuva e vento por aí abaixo. Com uma capucha por os ombros. Tem um carapuço por cima e depois tem uma coisa que embrulha a gente todo. Com o chapéu que, às vezes, o vento escavacava, rebentava com os chapéus. Com duas sardinhas dentro de um saco, duas fatias de broa. Era o comer ao meio-dia. Mas andei lá pouco, pouco. Às vezes, ia lá andar um mês, ou dois, ou três.

A primeira professora esteve cá dois anos. Era dona Lurdes. Uma jóia de professora. A segunda, chamava-se Carolina. A terceira classe foi uma que se chamava Palmira e era daqui de perto. E da quarta classe era uma não sei de donde. Essa já nem me lembra o nome dela. Portanto, tive essas professoras todas. Havia aí uma que se a gente fazia alguma coisa mal, ela para bater, pegava lá numa régua. Mas ela levava os alunos, não ficava lá nenhum para trás. Não é com hoje os que não passam, ficam. Eles não se importam. Naquele tempo, era assim que faziam. Preocupavam-se. Os alunos hoje, alguns não aprendem bem, mas hoje há professores que também não se esforçam pelos alunos.

Anos atrasados

Por causa dos anos atrasados fiz a quarta classe com 14 anos. A gente perdia aos dois anos seguidos. A gente ia para o Sobral Gordo e os do Sobral Gordo nunca se deram bem com os da Mourísia. Depois diziam:

- "Os da Mourísia andam-lhes sempre a cair as barbas e a nascer."

Naquele tempo botavam foguetes se ficassem bem no exame. Tinha pena de não ter passado de ano.

Andei dois anos na quarta. Ainda fui para a Moura 15 dias antes do exame. Fui lá com uma professora, que ainda hoje é viva. Ainda hoje, essa mulher quando me vê venera-me, mas de que maneira! Essa professora chegou a ter na escola da Moura, no tempo que eu lá andava, 30 e tal alunos. Uma professora só. Era rapazes e raparigas da parte da freguesia. Não era toda ainda. Os das Casarias para a Sorgaçosa é que era mais perto. De resto era tudo para lá, para a Moura. Eram uns "x" da primeira, outros da segunda, da terceira, da quarta e poucos falharam. Era uma professora arrojada. É verdade. E eu ainda para lá fui 15 dias. A minha mãe lá foi ter com ela e fui para me apurar melhor. Eu já sabia, mas ela começou-me a fazer uma explicação do princípio, de onde, às vezes,

estava um bocadinho mais atrasado, para tentar estudar mais, para ficar bem. E fiquei. Eu fiz exame o dia 1 de Julho.

"Mais rápido de cabeça que alguns de lápis"

Naquele tempo aprendia-se melhor que hoje. A gente na primeira classe, tinha que decorar a tabuada desde a tabuada de somar, diminuir, dividir, tudo. Tinha que se aprender tudo na primeira classe e em pouco tempo. A malta hoje é com esta coisa dos computadores e de máquinas que fazem tudo. Eu contas pequenas faço-as mais rápido de cabeça que alguns de lápis. Essa coisa de cêntimos agora, isso não. Isso é um bocado mais complicado. A gente primeiro era a tabuada que aprendia na primeira classe, hoje não sei em que altura aprendem.

Brincar ou estudar

Quando era pequeno, desde que me lembro, já dos meus 5 anos, 6 era um gandulo, como os outros também na rua. Depois era a brincar nas ruas, de noite. Era a correr uns atrás dos outros. Depois de mais crescido na fazenda. A sachar o milho, a empalhar, a regar e a fazer o que calhava.

Depois da escola, às vezes, tinha que ir botar as ovelhas. E levava lá os trabalhos que marcavam nos quadros. Enfiava aquilo dentro de uma mala que a gente levava para a escola. Metia aquilo ao ombro. Lá levava o lápis, a borracha e o caderno. A pedra a gente não a levava. A gente primeiro fazia as contas numa pedra. Tinha um lápis de pedra e a gente escrevia naquele pedra. Depois apagava-se. Tinha um pano apagava aquilo depois escrevia. Mas naquele tempo já havia papel. A gente as contas, depois de já as saber bem já fazia em papel. Levávamos os trabalhos lá para o gado, enquanto guardávamos o gado lá fazia as contas. Outras vezes se estava lá mais alguém famos brincar, importávamos-nos lá dos trabalhos para alguma coisa. Fazia-os à noite, de volta de candeeiros.

Namoro "*O rapaz é assim*"

Já conhecia a minha mulher da Moura, quando íamos à missa. Depois veio para ir cavar para uma prima minha. Eram colegas na floresta. Eu lá ajudei a cavar a terra também. Um rapaz, vê aí uma rapariga, ele se gostasse dela, ainda ia mais de gosto. O rapaz é assim. Depois dali começou. Comecei a engrajar com a rapariga e depois tentei. Calhou.

Casamento "*Foi até encher a barriga*"

Passado pouco tempo, coisa de sete mesitos, de Agosto até ao dia 4 de Março casáramos. Eu tinha 21 anos. Foi em Março de 1972 nos Parrozelos. Eram 11 horas. Foi com o padre da Moura. Era, ainda hoje é, a tradição na terra da rapariga. Foi em casa lá de onde a minha mulher se criou.



Silvéria dos Anjos Nunes, esposa de Artur

Os preparativos para o casamento era como se fazia naquele tempo. Comi até encher a barriga. O normal era sempre três, quatro reses que matavam. Cabras ou ovelhas. Depois a carne era arranjada, ia para o forno, era assada no forno. Era com batatas ou com o que calha. Coziam pão. Naquele tempo nós nem cozemos pão, trouxemos o pão foi da padaria. Em vez de andarmos a cozer broa. Depois é doces: tigelada, arroz-doce, tapioca, o bolo de noiva, coscoréis, bolos de outros.

Percurso profissional *A arte de pedreiro*

Fui para Lisboa trabalhar para uma casa de louças na Rua da Palma. Lembra-me bem. Estive lá, nessa casa, quase um ano. Depois um tio meu era carpinteiro, fui para a Piedade, para aprender de carpinteiro. Andei lá mais meio ano. Depois chateei-me com aquilo vim-me embora para a Mourísia. Foi a minha pior asneira. Porque se eu não me vinha embora, pessoas que foram daqui mais novas do que eu, estão hoje bem. Cheguei aqui, comecei a gostar mais da agricultura.

"A rasgar estrada à mão"

Com 16 anos fui para uma estrada de Soito da Ruiva. A rasgar estrada à mão. Com 16 anos ganhava 16 escudos. Depois no ano a seguir fui para uma floresta. Perto da terra da minha mulher, que é no Carvalhal dos Parrozelos. Andámos lá uma época, um Inverno a mondar, a limpar árvores, cortar mato. Às vezes, debaixo de chuva. Depois de uma hora, chegava aqui com a roupa toda molhada. Era uma hora de caminho daqui para lá. Depois no Outono a seguir abriu nesta zona outro guarda. Lá íamos cortar mato. Mondar aqueles pinheiros, destruir tudo. Começámos a ganhar 20 escudos. Eu andava lá com as raparigas. Comecei nos 20, depois diz assim o guarda:

- "Amanhã vais ter à estrada de Soito da Ruiva. Não vens para aqui. És mal empregado andares aqui ao pé das raparigas."

E eu pronto, fui para onde ele me mandou. Íamos a pé. Havia mais daqui da Mourísia que iam também para lá e eu ia com eles. Isso fazia bem a pé, por aí além, fui para lá para a estrada de Soito da Ruiva. Depois ele a primeira semana, acho eu já tinha uns 18 anos naquela altura, já trabalhava bem, diz ele:

- "Bem! Esta semana pago-te a 20 escudos. Para a quinzena que vem, se te manteres como estás, não te pagas a 20. Pago-te a 25. É o preço de um homem. É o que tu vales. Pago-te o preço de um homem."

Era 25 escudos que se ganhava naquele tempo. Lá uma picareta nas unhas, uma marreta, um guilho, a rasgar as estradas. Agora é a máquina. Naquele tempo era à mão que se fazia aquele trabalho todo. 25 escudos de um momento para o outro. Nunca mais andei para trás. Sempre a ganhar. Até aos meus 18, 19 anos.

O aprendiz

Já estava casado, comecei a trabalhar nas obras. Os trabalhos começaram a enfraquecer por aqui, por ali. Pedi a um patrão, que andava aí a trabalhar, se me dava trabalho. Fui para as obras, de servente. De servente comecei a abrir os olhos tentei começar a aprender a arte. Foi o que me safou. Porque se não aprendo a arte tinha pirado daqui para fora. E se calhar até tinha sorte para mim. Para mim e para a mulher. Portanto, comecei a aprender a arte de pedreiro. Se não aprendesse andava toda a vida na mesma.

A gente tem que ajudar quando é a meter placas, carregar vigas, tudo ao ombro. Embora com o patrão que agora trabalho, já é guias, mas as vigas tem que as pegar para depois o gancho pegar. É tudo mais fácil, mas a gente tem que mexer naquilo. Ferro e tudo. Assentar tijolo, rebocar, rebuçar. Tem que fazer todo o trabalho. Porque se eu não aprendo, não abro os olhos. Também me deram oportunidade. Deram oportunidade, porque enquanto há indivíduos que eram capazes de levar um balde de massa só numa mão, eu pegava em dois. Dois baldes cheios da massa. Depois, eu pegava na colher, pumba, ia a massa para a parede. Ia mais para o chão que a que agarrava na parede. Diz o Artur:

- "Fazes assim."

E comecei a aprender. Depois comecei a dar serventia lá a um rapaz. Quando era esboçar assim tectos de varandas, eu é que lhe dava serventia, é que ajudava a aplicar a massa. Fazia a massa, ajudava-o a aplicar. Fui vendo e comecei aprendendo. Primeiro comecei a aprender a esboçar com areia fina, massa fina. Depois comecei a aprender a assentar tijolo. E hoje, se não aprendo tinha que me ir embora daqui para fora. Trabalhei com vários patrões.

Migração "*Não havia profissões*"

A mim lembra-me que os homens iam para Lisboa ganhar dinheiro e as mulheres ficavam cá na Mourísia a cultivar fazenda e a criar os filhos. Iam ganhar dinheiro a trabalhar naquelas quintas. Da Mourísia conheci vários assim. Naquele tempo nem havia lá profissões, nem nada. Era trabalhar naquelas quintas. Depois então aquilo começou a modificar. Começaram a tirar profissões. Depois acabaram as quintas e começaram lá a trabalhar em ramos de hotelaria. O caso dos meus filhos. Também trabalham naquilo. Todos os três. Agora já não trabalham todos. É só um genro e um filho. Os outros deixaram-se disso.

Costumes *Gastronomia e festas*

Porco de um ano para o outro

A matança do porco era meio-dia que a gente passava aí, mas bem passado. Porque não era só a pessoa da casa. Tínhamos que chamar aí, pelo menos, mais três pessoas. Um tinha que lhe agarrar numa orelha, outro noutra, outro no rabo, outro para botar a corda para levá-lo para o banco. Vem o matadouro, depois tínhamos que o arranjar. Tínhamos que o chamuscar, raspá-lo, ficar a carne limpinha. Depois abrir o porco. Depois era comer. Às vezes, guardávamos de um ano para o outro. Eram poupados. Guardavam o chouriço, o salpicão e da peça mais grossa que tinha o porco. O enchido, havia um que iam comendo, havia outro que se punha em conserva no azeite para ir comer durante o ano. A parte das pás e os presuntos eram salgados. Depois os presuntos punham-se a secar, curavam-se. Às vezes, até os usavam para vender para comprar outro porco para o outro ano. Naquele tempo de miséria era assim. Vendiam um presunto ou os dois. Diziam que era para comprar o porco no ano a seguir. Eu lembro-me disso.

Nesse dia, os homens iam arranjar o porco e as mulheres tinham que apartar as tripas. Porque as tripas, conforme saem do animal para fora, trazem untos. Estão pegadas as tripas umas às outras. Elas depois tinham que desensarilhar aqueles untos para tirar aquelas coisas para depois as poderem lavar. Iam para a ribeira. Aquilo cheirava mal. Tinham que lavar aquilo muito bem lavado. Estava um dia ou dois em sal, folhas de louro e cascas de laranja para perder aquele cheiro. Para depois se poder encher o verdadeiro enchido. Comprámos tripa de boi, como chamam. Para fazer mais.

Por cima do lume dessas lareiras antigas que havia era o caniço. Tínhamos uns paus, umas varas por cima donde a gente pendurava o enchido e depois estavam ali a apanhar o fumo até se secarem. Secando tiravam aquilo para o lado, lavavam-se. Umas iam-se comendo, outras punham-se em conserva para durante o ano. Era em azeite. Punham-se lá o chouriço dentro de uma talha, como chamam aquilo. Umas talhas que havia, não deixavam repassar o azeite que eles punham dentro de conserva. Depois iam tirando e comendo.

Sardinha mais saudável

A sardinha vinha só uma vez por mês. Já não é minha lembrança porque eu já fui um bocado mais mimado. Mas vinha aí à Mourísia uma mulher da Moura vender sardinha. Até eram duas irmãs que aí vinham vender sardinha. Depois chegavam cá:

- "Compre-nos sardinha!"

- A minha mãe não tem cá dinheiro para comprar sardinha.

Chegava a ser 25 tostões, o quarteirão. Outros compravam meio cento e, às vezes, um cento.

Agarrava, entrava pela casa dentro, ia lá buscar o prato donde eles estavam. Tirava o prato, punha lá a sardinha e ia-se embora. A minha mãe:

- "Não há dinheiro, não há dinheiro."

Era tudo na poupança. Não havia como hoje há. Mas naquele tempo era uma miséria. Não havia dinheiro. Era pouco, tudo era pouco. Mesmo para comprar.

Não é de minha lembrança, mas ouço contar os mais antigos que, antigamente, aquela sardinha maior, mais comprida, era uma sardinha partida para três.

Havia uma feira em Côja de mês a mês, havia outra em Avô e iam lá à feira. Traziam um cento de sardinha. Quando eram aí seis, sete pessoas. A sardinha traziam, comiam, depois agarravam, punham uns carquejos que há no mato, limpos. Punham aquilo numa vasilha, punham a sardinha por cima. Depois, outras agarravam, enfiavam um arame pelos olhos da sardinha e penduravam num arame a secar. A secar que era para a sardinha se não estragar. Porque a sardinha salgada aguentava-se. Só comíamos de feira a feira. E outros comiam a carne de porco que tinham. Eram tempos de miséria. Não comiam carne todos os dias, nem todas as refeições. Não havia bacalhau como hoje há. Isso era menos.

Festas

Das festas de Maio lembro-me pouco. Ainda era rapazote. Depois é que mudaram para Agosto. Em Agosto vinha aí à Mourísia a música, faziam procissão. Saíam os santos todos em andores para a rua. Fazia-se um leilão. Por exemplo, um indivíduo faz uma oferta. Põe-se lá um bocado de chanfana assada, põe-se um melão, põe-se uma garrafa de bebida, o pão-de-ló. Põe-se o que calha. Ofertas assim. Aquilo é leiloado. Depois fazia-se a festa da Comissão. Como ainda hoje se faz. Agora há uma missa à santa, que é a Senhora da Assunção, no dia. É sempre de véspera a festa. Faz-se um leilão. O dinheiro reverte à capela. Conforme a gente vai angariando dinheiro, assim vamos melhorando a capela.

Já levou o forro novo aqui há anos. Este ano cascou-se tudo por dentro. Foi tudo rebocado e esboçado de novo. Pintado, por fora e por dentro com o dinheiro. É só o padre celebrar a missa, há um leilão e depois a festa da Comissão continua. À noite mandam vir o conjunto que querem, pagam. Faz-se o leilão, à porta da capela é para a santa, fora disso, é para a Comissão.

Os serões

No fim de comer era rezar. E antigamente os serões das mulheres eram diferentes de hoje. Hoje é a ver novelas. Naquele tempo não. Era a arranjar daqueles farrapos. Usavam da roupa velha que tinham, às vezes já podre, já praticamente tudo estragado, faziam fitas para fazerem mantas. As mantas depois era tecer. Havia um fuso, um pau para baixo aguçado e aquilo que torcia as fitas. As fitas eram torcidas. Faziam as mantas de Inverno. A televisão deles era aquela e depois cama. Cada um lá ajudava, mas aquilo praticamente era cada uma em sua casa.

"Sem luz nenhuma"

Quando eu me casei ainda cá não havia luz. Não havia luz na rua como agora. Tinham que levar um lampião. Há-de haver uns 28, 29 anos que cá está a luz na Mourísia. Eu, da minha casa de cima, para vir à loja, vinha sem luz nenhuma. Se me acabasse o vinho à noite, vinha com uns garrações de litro empalhados, em palha, vinha de cima, sem ver os degraus. Descia abaixo, metia a chave na porta, abria a porta. Ia ao pipo de vinho. Ia dar com a mão na torneira. Engatava o garração por baixo, tirava o vinho sem luz nenhuma e sem botar o vinho fora. A gente já estava calhado.

Havia uns candeeiros aquilo era a petróleo. De certo tínhamos dois candeeiros ou três. Tínhamos um candeeiro para alumiar na cozinha. A gente, para ir para outra divisão, pegava no cano do candeeiro, dava-lhe o vento, apagava-se. Lá voltava atrás para vir acender outra vez. As minhas filhas se cá estivessem hoje sabiam. Uma delas, acho que é a mais velha, agarrava, punha o candeeiro à cabeça. Levava-o à cabeça, apagava, lá voltava ela outra vez com o candeeiro para vir acender o lume. A gente, às vezes, tinha que lhe dar um bocado mais de, chama a gente, a torcida que é para dar mais chama. Senão depois o lume apagava-se. Com a deslocação de ar apagava-se. O candeeiro a petróleo era redondo, pequeno. Tinha uma copa por baixo onde ele se segurava. Por cima tinha outra base donde tinha o petróleo. Depois ali tinha então uma torcida, para cima. Tinha em cima um bucal. A gente enroscava aquilo, botava-lhe cheio de

petróleo, depois enroscava-o. Tinha um registo, podiam dar mais, ou menos luz. Acabando o petróleo tinha que pôr mais para dentro.

"Ficavam na brincadeira"

Vinham buscar água à fonte com uns cântaros. Aí é que se namorava. Os rapazes e as raparigas, juntavam-se.

No meu tempo ainda havia aí muita rapariga, muitos rapazes. Iam ali para a fonte. Era a andar na risada. Estavam aí até às quinhentas da noute. Iam lá as mães e os pais, à espera deles. Às vezes, pediam-lhe para ir buscar a água, eles ficavam aí na brincadeira. Uns já namoravam, outros não namoravam. Queriam era passar tempo.

"Milho e centeio é na Mourísia"

A fazenda primeiro era lavrada com bois. Havia juntas de bois. A gente a terra esvairava-a, no fundo. Carregava-se, a terra às costas, com uma cesta. Depois começava a lavar no fundo. Andava o pessoal a meter o estrume no rego. Voltava para cá e para lá, toca a lavar. Semeava-se o renovo, o milho. Mais tarde, os bois acabaram, foi com burros. Lavrava-se com os burros. Depois acabaram os burros, acabaram os bois, acabaram as vacas, como se costuma dizer, e acabaram as pessoas. Hoje é só dois ou três indivíduos. Meia dúzia deles que cultivam aí qualquer coisa, pouco. São os quatro novos que aqui estamos. Quatro casais mais novos. Cultivam alguma coisa para se ir entretendo. A gente quando vem do trabalho venho tratar das videiras e tratar do renovo, da fazenda. Curar batatas e feijão e o que calha. Ajudar a mulher porque a mulher não pode fazer tudo. Comparando agora com a fazenda que havia aqui há 30 anos, 40, isto era tudo cultivado.

Entretanto quando era aí em Abril e Maio estava tudo terreno negro, de bocados já de milho graúdo para se poder ralar, para depois desbastar, para se criar. O terreno que cá há era rico, era de milho. Milho daqui, centeio nas outras encostas. Havia aí casas de família que eram sete irmãos e uma avó e dois pais. Eram dez pessoas. Coziam num forno ao pé da capela, que já não existe, coziam 30 broas de cada vez. Eram 3 alqueires de farinha, num moinho. Coziam na segunda-feira e no sábado tinham de tornar a cozer. Cada um fazia a sua parte.

Cortavam as giestas no Inverno. Cavavam aquilo com um enxadão, abriam cortes. No fim de Julho, princípio de Agosto, botavam o fogo aquilo. Queimavam aquilo. Depois semeavam o centeio. Havia indivíduos que tinham aí aos 80, 90 alqueires de centeio e até mais. Outros menos, conforme o que tinham no terreno.

Não havia aí terra nenhuma nas redondezas como, em questão de milho e centeio, era aqui na Mourísia. Agora está tudo silvado. Está tudo destruído pelos fogos.

Lugar *Sinais do tempo*

Castanheiro da Memória

Aquele castanheiro não há cá nenhum como ele. É um castanheiro que quem não conhece não acha piada praticamente nenhuma aquilo. Deu-se um arranjo ao caminho aqui há uns três anos ou quatro. É um caminho donde se passa a pé. Não vai lá nenhum carro. Aquele castanheiro pode ter até mais de 500 anos. Não é assim brincadeira. Por dentro está todo podre, todo oco, só a parte de fora é que está boa.

Melhoramentos

Temos uma casa de convívio que é onde se reúne aí a malta quando vêm em Agosto. Os poucos dias que cá estão, tem a bica para tomarem à hora do almoço, à noute. Isto é uma tradição. Fez-se aquilo o ano em que eu me casei. Portanto, há 37 anos. Se fosse aí dez anos mais tarde já não se fazia. Porque as pessoas, umas desvalorizam assim da ideia. Vêm aí pelas festas e cá está a malta para o resto. Há aqui umas sete ou oito pessoas de 80 anos para cima, 86, 87. Há também uma classe aí de uns sete ou oito de 70 já para cima, muito próximo aos 80. Casais novos são só quatro. E porque casámos e ficamos cá. Ainda assim temos na Mourísia 31 pessoas. Entre pessoas pequenas e grandes.

Na Mourísia mudou, em questão de fazenda. Está tudo relva. Em questão de arranjo de caminhos, há coisa de 30 anos atrás, era aí umas penedas autenticamente. Havia poucos caminhos. Depois daí para cá, com os fundos da Comissão, de dinheiro que se fazia nos leilões, que se fazem hoje, hoje está mais difícil, começou-se a melhorar uma rua, outro ano outra, outro ano outra. Não há nada nas ruas que ou cimentado ou em escadaria, está tudo arranjado. Depois os melhoramentos que fizeram estão à vista por aí afora.

Sonhos *Um sonho realizado*

Quando eu trabalhei na resina, o sonho que eu tive na altura, era de comprar um carro. Tirar a carta, comprar um carro. Mas a minha mulher nunca me apoiou. Diz ela:

- "Tirar agora a carta."

- Tiro. Então se os outros tiram a carta, qualquer gajo pelintras que aí há tem um carro, tem capacidade de tirar a carta e comprar um carro...

Depois fui para um patrão, que trabalhei dez anos, fui para lá e eles incentivaram-me. Quer dizer, na questão para eu tirar a carta.

- Tirar a carta, eu não consigo tirar a carta que aquilo é assim, é assado.

Mas foram os indivíduos, todos os três me puxaram:

- "Artur tira a carta. Vai tirar a carta."

- Depois um gajo fica mal.

- "Se ficas mal voltas outra vez, segunda vez."

Por acaso correu tudo às mil maravilhas. Tirei o código à primeira e a condução à primeira. Com um bocado de dificuldade na condução mas tirei-o. Não fiquei reprovado. Foi esse sonho que eu tinha, foi isso que eu adquiri.

Avaliação *Um projecto bom*

Este projecto, quanto a mim, acho que é bom. O livro depois os meu netos, daqui por uns anos, lêem aquilo:

- "Olha o sacrifício que passaram os meus avós! Olha para isto, olha para aquilo."

Depois os filhos deles:

- "Olha o que os desgraçados dos meus bisavôs passaram!"

Acho bom, para a malta que vêm depois, adolescentes ainda. São coisas que sempre gostam de ler. Penso eu que gostam de ler, não sei. Era assim a vida naquele tempo e a vida não é fácil.